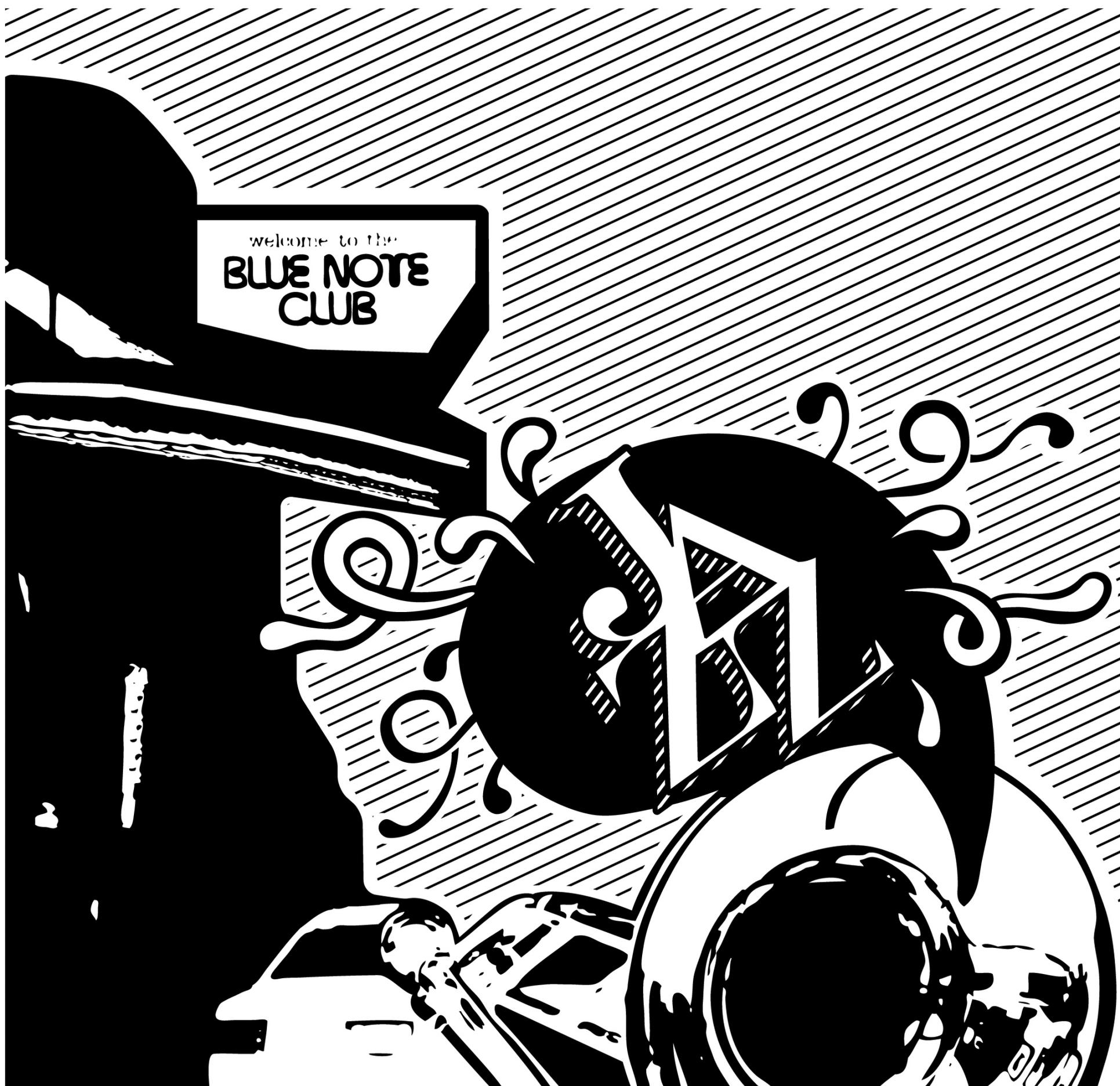


LETRAS

PERIÓDICO CULTURAL • Nº 23 • ANO III
BELO HORIZONTE, JULHO DE 2008
TIRAGEM: 2000 EXEMPLARES • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Sobre festivais e jornais

Se de improviso se faz boa música;
se melodias de décadas atrás arpejam;
se chuva ou sol são indiferentes;
se o tempo vale mais que as horas;
se milhares de pessoas dançam na rua ao som do jazz;
se pode haver metais mais leves do que o ar,

é possível ser de graça e valer muito;
é possível ser de papel e consistente;
é possível ser mensal e ser sempre.

Nesta edição, nossos editores e colunistas buscam no jazz inspiração para entregar a você, leitor, nossa composição mensal. Algumas variações sobre o mesmo tema, produzidas por um time afinado, no tom da informação cultural. Fica registrado também o convite para um domingo musical no dia 3 de agosto: nos vemos no Savassi Festival!

Boa leitura!

Carla Marin

LETRAS

ISSN 1983-0971

Editoria e Direção Geral
Carla Marin

Editor
Alemar Rena

Editor Honorário
Bruno Golgher

Editorias
Arquitetura: Carlos Alberto Maciel
Cinema: Rafael Ciccarini

Colunas
Aventuras Tecnológicas: Paulo Waisberg
Economia da Cultura: Nísio Teixeira

Fotografia: Elias Kfoury
Jazz: Ivan Monteiro
Mercado Editorial: Adriano Macedo
Poesia: Ana Caetano

Redação (esta edição):
Antônio Augusto
Carlos Calado
Henry Burnett
João Veloso Jr.
Márcio Almeida
Vinícius Lacerda

Capa: Gabriela Rabelo
gabrielarabelo@gmail.com

Jornalista Responsável:
Vinícius Lacerda

Tiragem: 2000 exemplares
Impressão: Gráfica Fumarc

Anúncios: para anunciar no Letras, fale com Bruno:
bruno@cafecomletras.com.br

Letras é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte / MG - CEP 30112-010

Quaisquer imagens, fotografias e textos veiculados no Letras são de responsabilidade exclusiva de seu autor. As restrições da legislação autoralista se aplicam, sendo vedada a reprodução total ou parcial de textos e ou imagens sem prévia e expressa autorização do titular dos direitos.

Realização:



MANDE UM E-MAIL PARA O LETRAS:
LETRAS@CAFECOMLETRAS.COM.BR

Langston Hughes

Ana Caetano

Langston Hughes foi um poeta americano conhecido por seu trabalho no período chamado de "Renascença do Harlem". Provavelmente no mesmo período que o jazz migrava de New Orleans para esse canto da "Big Apple". De origem negra, nascido em Joplin, Missouri, em 1902, Langston escreveu poesia, novelas, contos, histórias infantis, peças de teatro e colunas para jornais. Criou juntamente com Zora Neale Hurston, Wallace Thurman, Claude McKay, Countee Cullen, Richard Bruce Nugent, e Aaron Douglas a revista Fire!! Devoted to Younger Negro Artists. A maioria dos poemas e peças literárias que escreveu foi inspirada no ritmo e na linguagem do blues e do jazz que ele considerava a expressão verdadeira da cultura negra. Seu trabalho foi extremamente influente nos círculos artísticos do Harlem (New York) dos anos 20. Viveu em Paris, Los Angeles e New York. Morreu em 1967.

JUKE BOX LOVE SONG

I COULD TAKE THE HARLEM NIGHT
AND WRAP AROUND YOU,
TAKE THE NEON LIGHTS AND MAKE A CROWN,
TAKE THE LENOX AVENUE BUSES,
TAXIS, SUBWAYS,
AND FOR YOUR LOVE SONG TONE THEIR RUMBLE DOWN.
TAKE HARLEM'S HEARTBEAT,
MAKE A DRUMBEAT,
PUT IT ON A RECORD, LET IT WHIRL,
AND WHILE WE LISTEN TO IT PLAY,
DANCE WITH YOU TILL DAY--
DANCE WITH YOU, MY SWEET BROWN HARLEM GIRL.

LANGSTON HUGHES



CANÇÃO DE AMOR DA JUKE BOX

EU PODERIA ENROLAR A NOITE DO HARLEM
AO SEU REDOR,
APANHAR AS LUZES DE NEON E FAZER UMA COROA,
APANHAR OS ÔNIBUS, TÁXIS, METRÔS
DA AVENIDA LENOX,
E, PARA A SUA CANÇÃO DE AMOR, O QUE DELES RESSOA.
TOME A BATIDA DO HARLEM,
FAÇA DELA UMA BATIDA DE TAMBOR,
COLOQUE-A EM UM DISCO, DEIXE-A GIRAR,
E ENQUANTO NÓS A OUVIMOS TOCAR,
EU DANÇO COM VOCÊ ATÉ O DIA RAIAR -
EU DANÇO COM VOCÊ, MINHA DOCE MORENA DO HARLEM.

TRADUÇÃO: ANA CAETANO & SOFIA CAETANO AVRITZER





Apresentam

SAVASSI FESTIVAL

Jazz & Lounge
2008

Festival Karmim

**31 julho
a 4 agosto**

JAZZ CLUBE
31 julho a 2 agosto

FESTIVAL
3 agosto

WORKSHOPS
4 agosto

INFORMAÇÕES
(31) 3225-9973
(31) 9382-4219
www.savassifestival.com.br



Patrocínio



Realização



Produção



Apoio



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.



PETROBRAS 40 anos em Minas

Serenata para o renegado

Ivan Monteiro

Esta coluna tinha como tema o Savassi Festival e toda sua importância no calendário cultural de Belo Horizonte. Deveria falar sobre as apresentações mais marcantes nas edições anteriores e também dos grupos que se apresentarão em concertos que certamente serão memoráveis. Diria também sobre o alto astral que se instala naqueles quarteirões por ocasião do festival, onde músicos, gente que está ali trabalhando e o público compartilham de um só espírito: curtir música da mais alta qualidade. Então veio a triste notícia, rápida como um e-mail.

No dia 14 de junho de 2008 morria enquanto praticava mergulho nos arredores de Stockholm o pianista e compositor Esbjörn Svensson. A música perdia naquele sábado um de seus mais inquietos contribuintes.

Svensson nasceu em 1964 na

cidade de Västerås, Suécia. Começou a estudar música ainda no colégio onde formou seus primeiros conjuntos. Quatro anos de estudos musicais na Universidade de Stockholm serviram para consolidar seus conhecimentos teóricos e técnicos. Em 1993 ele formou o E.S.T. com seu velho amigo Magnus Öström na bateria e o contrabaixista Dan Berglund. Naquele mesmo ano o Esbjörn Svensson Trio lançou seu primeiro disco, chamado *When Everyone Has Gone*.

Foram 11 discos ao todo. 1 DVD. O grupo tinha status de estrelas do rock ao viajar pela Europa. Suas músicas tocavam na MTV da Escandinávia. Seu próprio líder dizia que o conjunto era um grupo de rock que tocava Jazz. Não era tão simples assim. Na verdade o som do trio, que em seus dois primeiros discos se espelhava no mesmo conceito de liberdade presente na música de Keith Jarrett, era uma mistura

de paisagens, tonalidades e aquela sensação de isolamento e encontro tão presente nos países nórdicos. Em 1996 o E.S.T. grava um exemplar tributo ao gênio do piano, Thelonious Monk. A partir daí o trio deslancha com cada novo disco melhor que o anterior. Não é a toa que seus melhores discos são seus últimos: *Strange Place For Snow*(2001); *Seven Days Of Falling*(2003); *Viaticum*(2005); *Tuesday Wonderland*(2006) e o álbum duplo *Live in Hamburg*(2007). O uso de efeitos sonoros, as baladas que arrancam lágrimas (é difícil não ficar emocionado ao ouvir belezas como *What Though The Way May Be Long* ou *From Gagarin's Point Of View*), o ritmo marcante/dançante, tudo é a cara do líder Esbjörn Svensson. Tudo isto era muito novo e provocante, e é esta busca pelo inédito que move a música em geral e o Jazz em particular.

Quando o trio esteve em Ouro Preto por ocasião do 4º Tudo É Jazz (2005), tive o prazer de assistir a um show impecável do E.S.T. Em uma conversa durante o almoço, Svensson disse que estava admirado com a beleza da cidade e nos brindou com sua inteligência e alegria de viver. É por isso que esta coluna está deste jeito, triste triste. 44 anos é cedo demais.

onjazz@uai.com.br



A “vida boa” de um profissional em extinção

Carlos Calado

Não são raros os amigos e conhecidos que volta e meia se referem a meu trabalho, dizendo algo assim: “Que vida boa! Além de ouvir música o dia inteiro, você ainda ganha CDs e é convidado para ir a shows. Deve ser ótimo trabalhar como crítico musical”.

Sim, poder ouvir as últimas novidades, seja no jazz, na MPB ou no pop, quase sempre em primeira mão, é um agradável privilégio. E viajar de vez em quando, para acompanhar festivais de música, é outro grande prazer. Mas qualquer profissão tem seu lado B, suas obrigações diárias e chatices, e a de um jornalista que escreve sobre música não é diferente.

Costumo mencionar um exemplo extremo, mas revelador. Tive o privilégio de cobrir seis vezes o Montreux Jazz Festival para a “Folha de S. Paulo”, nos anos 90. Não bastasse a beleza daquela região européia, conhecida como Riviera Suíça, nessas coberturas pude assistir a shows inesquecíveis, tanto de grandes jazzistas como de figurões de outros gêneros, de Miles Davis a Cassandra Wilson, de Al Green a Van Morrison, de B.B. King a George Clinton.

Sim, adorei estar lá todos aqueles anos. Mas, para quem não conhece o festival de Montreux, informo que ele era realizado durante 16 dias consecutivos, em dois palcos simultâneos. Os shows começavam por volta das 20h e não terminavam antes das 2h da madrugada. Não bastasse a correria entre um palco e outro (para não deixar de ver ao menos uma parte de todos os shows), durante o dia eu entrevistava os artistas e escrevia as críticas das noites anteriores. Por mais que eu soubesse que ótimos shows ainda me espera-

vam, quando batia o cansaço, lá pela 13ª ou 14ª noite, era preciso ser muito profissional para resistir à vontade de dormir mais cedo. Ou de fazer qualquer outro programa que não tivesse a ver com música.

Algo semelhante acontece com os inúmeros CDs que recebo quase diariamente. A necessidade de estar atualizado com os lançamentos, não só de jazz, MPB e música instrumental (gêneros sobre os quais escrevo com mais frequência), ocupa grande parte do meu tempo livre, restando pouco para ouvir meus discos favoritos, ou mesmo aqueles CDs que comprei na última viagem.

Claro que o prazer do contato diário com a música supera esse e alguns outros aspectos chatos da profissão. Jamais vou esquecer do privilégio de poder ver o gigante Sonny Rollins balançar seu sax tenor a três metros de minha poltrona, no camarote de um teatro italiano do século 18, no Umbria Jazz Festival. Ou da excitação que senti ao ouvir a voz divina de Aretha Franklin, no Carnegie Hall, em Nova York, no concerto mais disputado do JVC Jazz Festival de 1996. Ou das vezes que chorei de emoção ao ouvir arrepiantes corais negros, na tenda gospel do Jazz Fest de New Orleans.

Por essas e muitas outras noites de música que já curti, eu continuaria a fazer o que tenho feito nos últimos 22 anos até o fim da vida, não fosse um pequeno detalhe a me incomodar. A cada dia que passa, fico mais convencido de que minha profissão está bem próxima de ser extinta. Quem lê os grandes jornais do país vai me dar razão.

Carlos Calado é autor da “Coleção Folha Clássicos do Jazz” e dos livros “O Jazz Como Espetáculo” e “A Divina Comédia dos Mutantes”, entre outros.



Apresentam

**SAVASSI
FESTIVAL**
Jazz & Lounge
2008
Festival Karmim

FOTOGRAFE O JAZZ

Os 10 fotógrafos selecionados participarão de uma coletiva no Café com Letras.

O edital pode ser encontrado em www.savassifestival.com.br

INFORMAÇÕES

(31) 3225-9973

(31) 9382-4219

www.savassifestival.com.br



Patrocínio



Realização



Produção



Apoio



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.



PETROBRAS 40 anos em Minas

Preservation Hall Jazz Band: o dia em que Nova Orleans esteve em BH

Márcio Almeida

Este artigo é uma homenagem à escritora e amiga Ana Caetano, que estava em N.O.

5 de agosto de 1976. Palácio das Artes. Os oito velhinhos da maior banda do berço do jazz, Nova Orleans, chegam para muito mais que uma jam session – uma aula histórica sobre o próprio jazz em níveis de experiência, estilo, instrumental, performance, recepção pública. Apoteose que nunca mais os mineiros verão ao vivo no original. A Preservation Hall Jazz Band, em promoção do Consulado dos Estados Unidos em Bh, ofereceu a audição raríssima de 40 clássicos do gênero, muitos deles básicos para o reconhecimento do jazz como música especial de gênios da improvisação, na interpretação orgasmática de gospel, spiritual, blue e uns riffs allegro vivace-carnavalescos-blasés inconfundíveis, únicos. Inesquecíveis.

Nova Orleans, 1890/1900. Nasce nessa década o jazz como novo comportamento musical através de jovens músicos que tocavam uma espécie de música de dança sincopada, de ritmo excitante e com uma nova idéia na concepção ideológica de compor, tocar e interpretar.

Os negros norte-americanos já possuíam, na época, poderoso nível vocal, comprovado pelos spirituals, que com transformações chegaram ao blue – o anseio de libertação na negritude dos Estados Unidos. Essa busca de libertação criou, após a Guerra Civil, o primeiro grupo de músicos instrumentistas

negros dos Estados Unidos, que recebeu o nome de jazz. Durante a primeira Guerra Mundial o jazz já era a música mais popular dos Estados Unidos, graças à força inventiva de seus precursores, provocando, em 1903, o primeiro boom fonográfico do gênero. Uma canção típica de menestrel – The cake walk in Coon Down chamou a atenção de Nova Iorque, que sempre procurou atrair para si as novidades, tornando-se logo o maior centro de jazz do mundo.

A importância histórico-cultural dos verdadeiros focos originários do jazz – Nova Orleans e Chicago, foi relegada e diluída, sobretudo pelo dixieland ou o jazz produzido por músicos brancos, que a princípio faziam do Harlem um lixo e da 5ª Avenida um luxo. Oportuno um revival de Sérgio Porto, um dos melhores autores de jazz do Brasil: “Os mesmos fatos que levaram os colonizadores do Brasil a recorrerem ao africano para cultivar suas lavouras, passaram-se na Louisiana, no começo do século XVIII, quando o homem branco, cansado de lutar com a rebeldia do pelevermelha, que resistia à escravidão até à morte, voltou sua atenção para a África, onde os nativos, em sua inocente liberdade, eram seres indefesos para a cobiça sempre maior daqueles que, no sul dos Estados Unidos, faziam sua fortuna através das plantações de fumo e algodão.”

Nova Orleans foi o berço que acolheu os escravos norte-americanos que, no intervalo pequeno para lazer das duras horas de trabalho pesado, cantavam e dançavam colocando

nesse quase ritual todo seu anseio de libertação.

A partir desse comportamento jazzístico é que muitos e eficientes pesquisadores de todo o mundo puseram-se a registrar a necessidade do homem africano pela música. Dois deles são S.M. Golberry e Charles de la Roncière.

Nova Orleans criaria um estilo de jazz: o New Orleans style, complexo, provocador, resultado da formação racial da cidade repleta de escravos. É o estilo adotado como indispensável tanto para uma parada cívica quanto para um funeral. Numa pincelada, o jazz nasce pois da linguagem da civilização oral, o que levou Marshall McLuhan a chamar de Século do Jazz o último centenário do homem moderno. O New Orleans style é o resultado da repressão exercida pelo poder branco sobre o negro nativo e importado da África.

Muitas das canções apresentadas pela Preservation Jazz Hall Band tiveram uma outra característica típica do jazz de Nova Orleans: o humor, uma forma de “limpar a barra” do negro diante do sentimento de culpa pela sua submissão, ao mesmo tempo em que é uma maneira de expressar sarcasmo, ironia contra a sociedade. Na linguagem humorística do jazz, segundo o crítico português Jorge de Lima Barreto, que analisa o jazz pelo viés da semiologia, estaria o germe da anarquia revivificante dos músicos negros, condutido para a improvisação polirrítmica, da sinalética sonora dos discursos individuais ante a prescrição técnica européia em contraste com a música de tra-

“O JAZZ É MEU ÓPIO DE EMERGÊNCIA”

(C. DRUMMOND DE ANDRADE)



dição afro-americana, de que Louis Armstrong, Fats Waller e Fletcher Henderson são cânones. Um exemplo incluído no repertório de big band em foco foi a lânguida “St. James Infirmary”, reconstituição magistral do work labor song, que levou o público palaciano a um orgasmo metafísico.

O New Orleans style é mais marcante em dois dos músicos da Preservation Hall Jazz Band, notadamente em razão de seus instrumentos: Emanuel Sayles, que à época tocava banjo, e o baterista Alonzo Stewart, que trabalhou inclusive com outros músicos preservadores desse estilo, como Kid Howard e John Casimier. Nova Orleans é responsável também pela introdução da bateria como instrumento autônomo no jazz, o que McLuhan resumiu: “o ritmo do homem de hoje é o ritmo do jazz.” Joseph “Twat” Butler era o contrabaixista, que construiu seu primeiro instrumento com uma só corda. O estilo “Twat” é o estilo New Orleans. O piano, básico no jazz, esteve a cargo de Dave “Fat Man” Willians, também nascido em N.O., cujas

apresentações iniciais deram-se à época da Depressão. Emanuel Paul, o saxofonista, organizador, na década de 20, da Young Tuxedo Orchestra e de ter excursionado com Jell Roll Morton. O trombone foi tocado pelo versátil Homer Eugene, cujo aprendizado deu-se com Johnny Dave e John Marrero. A big band nasceu com um velhinho muito simpático e de incrível poder de comunicação: o trompetista Kid Thomas Valentine.

O repertório incluiu, entre outras, “Baby won’t you please come home”, de Clarence Willians, cuja performance pela Preservation foi considerada pelo Time como “o maior espetáculo do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos”, portanto, um marco do jazz levado em MG. Sintomática, a apresentação da Preservation Hall Jazz Band “bateu” com o que Minas tem de emblemático: a liberdade. Yeah!

Márcio Almeida é Mestre em Literatura, crítico literário, poeta, jornalista e jazzista há 50 anos.

marcialmeidas@hotmail.com

Adorno e (sempre) o jazz

A INDÚSTRIA CULTURAL É A INTEGRAÇÃO DE-LIBERADA, A PARTIR DO ALTO, DE SEUS CONSUMIDORES. ELA FORÇA A UNIÃO DOS DOMÍNIOS, SEPARADOS HÁ MILÊNIOS, DA ARTE SUPERIOR E DA ARTE INFERIOR. COM PREJUÍZO PARA AMBOS. A ARTE SUPERIOR SE VÊ FRUSTRADA DE SUA SERIEDADE PELA ESPECULAÇÃO SOBRE O EFEITO; A INFERIOR PERDE, ATRAVÉS DE SUA DOMESTICAÇÃO CIVILIZADORA, O ELEMENTO DE NATUREZA RESISTENTE E RUDE, QUE LHE ERA INERENTE ENQUANTO O CONTROLE SOCIAL NÃO ERA TOTAL

“A indústria cultural”,
trad. bras. de Amélia Cohn, in Theodor W. Adorno,
São Paulo, ed. Ática, 1986, pp. 92-93.

Henry Burnett

De todos os temas mobilizados por Adorno em seus estudos sobre a música do século 20, nenhum causa mais controvérsia que o jazz. Qualquer leitura apressada de algumas das passagens sobre o tema da música popular – como a quem vem como epígrafe a este texto – pode identificar imediatamente, nos confrontos operados entre o que ele chamava de música séria e música ligeira, um tipo de hierarquia de valor que apontaria para o elogio da esfera erudita em detrimento da popular. Podemos dizer que isto é um erro primário, ainda que, se pudermos brincar um pouco num terreno tão delicado, provavelmente Adorno gostasse mais de ouvir Schoenberg ou Wagner que de Duke Ellington ou Ella Fitzgerald. Questão de gosto.

Adorno entendia exatamente a diferença entre as duas esferas, e sabia que elas partiam e chegavam a lugares diferentes. O que estava em questão

não era a diferença estilística entre as duas esferas, mas a cooptação de ambas por um fenômeno que ele mesmo batizou, junto com Horkheimer, e que anulou, de certo modo, qualquer tentativa de conservação de uma arte livre: a indústria cultural.

Enquanto desde Wagner a música começou a ser composta com a nítida preocupação com os efeitos que deveria causar na platéia – diagnóstico a bem da verdade prescrito por Nietzsche desde a IV Consideração extemporânea, “Richard Wagner em Bayreuth”, quando ele percebeu pela primeira vez que a obra de arte total era capaz de atrofiar a percepção dos espectadores –, Adorno, imerso no ambiente saturado das rádios e da indústria fonográfica já poderosa nos EUA, imediatamente condenou qualquer tentativa de se pensar nas audições radiofônicas como um instrumento educativo, como pensavam alguns teóricos americanos com quem ele trabalhou. Em parte, ele estava totalmente certo.



Por conta da grande indústria fonográfica e seus efeitos, o jazz lhe parecia como o estilo mais apto a servir aos produtores e arranjadores, com seus improvisos e standards marcados e sua penetração na esfera do cinema e da TV. Mas é aqui que precisamos refletir um pouco. Adorno sabia que o jazz era uma herança miscigenada e, portanto, de forte conteúdo cultural, então como ele poderia renegar um produto tão intenso, herdado da mistura de vários povos, se sua obra foi dedicada em grande parte ao combate contra qualquer tentativa de afirmação racial germânica e totalitária?

Pensemos de outro modo: como ele poderia estar relegando a música popular ao lixo da cultura, se não se tratava de modo algum de uma análise racial da música – se pensamos a partir de sua referência ao primitivismo como característica da música popular, como uma força afirmativa da esfera da música dita ligeira; estaria Adorno antecipando o confronto entre o que

chamamos hoje de alta e baixa cultura? A resposta é não.

Esse é o ponto essencial para que possamos ler Adorno e pensar não só sobre o jazz, mas sobre a música popular como um todo, no interior de sua extensa obra. O que deve ser destacado, para além desse lugar comum do confronto entre música séria e ligeira é a destinação que o século 20 deu a elas. Que elas são diferentes não há como negar – sem falar nas diferenças entre as diferenças, por exemplo, quando pensamos na música popular estadunidense e na sul-americana, a primeira desde sempre formal e técnica e a segunda ainda hoje diletante e assentada em vivências quase sempre não musicais.

Claro que Adorno não imaginava que justamente em seu domínio diletante a música popular ia se fundir à poesia culta e gerar um estilo próprio e distante tanto do jazz quando da cultura popular mais arraigada: a canção. Mas isso é outro tema. O que lhe preocupava

era justamente a visceralidade do jazz, ameaçado por uma padronização domesticadora, neutralizadora, que acabaria por fazer desaparecer a ancestralidade contida naquela música. Basta ouvirmos Nina Simone para entendermos isso. E aqui nos vemos envolvidos em outra pergunta: será que é possível fazer música livre, de qualidade, de dentro da indústria cultural? Para Adorno certamente não.

Mas isso não nos impede de pensar com ele para além dele. A indústria cultural sempre foi um lugar onde se tramava o que devia ou não tocar. Mas foi também dentro dela que nasceram para os ouvintes apaixonados nomes como Benny Carter, Gerry Mulligan, Dexter Gordon e tantos mais; por aqui bastaria citar Jobim e Moacir Santos.

Então, quando poderíamos começar a elencar tudo que a indústria cultural nos deu de bom, nosso espaço acabou. Fica a provocação: ouçamos jazz, em nome de Adorno!

Sobre arquitetos e clientes

[e Dave Brubeck]

Carlos Alberto Maciel

Para David

Se a história fosse uma grande biblioteca, Dave Brubeck já teria um lugar garantido na seção dos grandes músicos. Não bastasse sua virtuosa produção musical, é um caso raro ao ocupar uma posição notável também na prateleira da arquitetura: foi, ainda em 1954, um interessante cliente para o então iniciante arquiteto Beverley Thorne, que projetou uma casa para o músico em Oakland, no norte da Califórnia. Essa história de fatos, pessoas (afora Brubeck) e edifícios pouco conhecidos está narrada no livro *NorCalMod*, de Pierluigi Serraino, que registra a arquitetura moderna do norte da Califórnia.

Nas tradicionais histórias de autores e obras, geralmente resta pouco espaço para uma figura fundamental na produção de arquitetura de qualidade: o cliente. Ao contrário da maioria das publicações de arquitetura, *NorCalmod* não se centra apenas nos arquitetos e suas incríveis máquinas de habitar. No caso dos Brubeck, algumas pistas dessa complexa e interessante interação entre clientes e arquiteto nos permitem identificar como sua casa é um belo produto dessa relação, que transcende a idéia da arquitetura como um objeto artístico e íntegro e assume positivamente as diversas demandas da vida cotidiana da família.

De dar calafrios em arquitetos mais ortodoxos, um dos aspectos mais interessantes da história dessa casa é o fato de que Brubeck e sua família, ao longo dos (apenas) seis anos em que viveram na casa, promoveram inúmeras transformações – algumas delas com a participação do arquiteto – para

acomodar melhor as diversas necessidades que surgiram ao longo do tempo. Ainda durante o projeto, a família cresceu, de dois para cinco filhos. Quando a casa ficou pronta, logo acrescentaram-lhe quartos no 1o pavimento. Acessos diferentes para o espaço social e sala de música foram criados, mais um módulo foi acrescentado à estrutura, o pai do músico foi viver com a família e se acrescentou um novo apartamento, outro quarto de hóspedes também surgiu. Incomum em seu tempo, a casa foi, ao longo desses seis anos, uma obra aberta, cuja estrutura rigorosa em aço e madeira baseada em um grande balanço modulado que se debruça sobre o terreno é o trunfo que dá ordem ao conjunto e permite que as mais variadas necessidades cotidianas pudessem ser bem resolvidas sem ter de se submeter a uma pré-determinação formal que geralmente congela o espaço e impede a sua transformação.

A casa Brubeck apenas comprova o que parece óbvio: alguns dos aparentes embates e dilemas entre diferentes tendências e categorias talhadas pela crítica e pela historiografia da arquitetura no século XX – a autonomia formal moderna x a complexidade pós-moderna – são meras construções teóricas que explicam pouco sobre a prática da arquitetura e suas verdadeiras virtudes. Revelam muito mais a incapacidade dos arquitetos em dar respostas como esta, que são a um só tempo construtivamente rigorosas e formalmente abertas às acomodações de uso. O senso comum diria que, “apesar” das permanentes modificações feitas pelos moradores, Thorne conseguiu produzir uma boa obra. Mas talvez seja o contrário: a virtude da obra reside justamente na consistente conciliação entre as demandas da vida cotidiana, os desejos dos proprietários, as

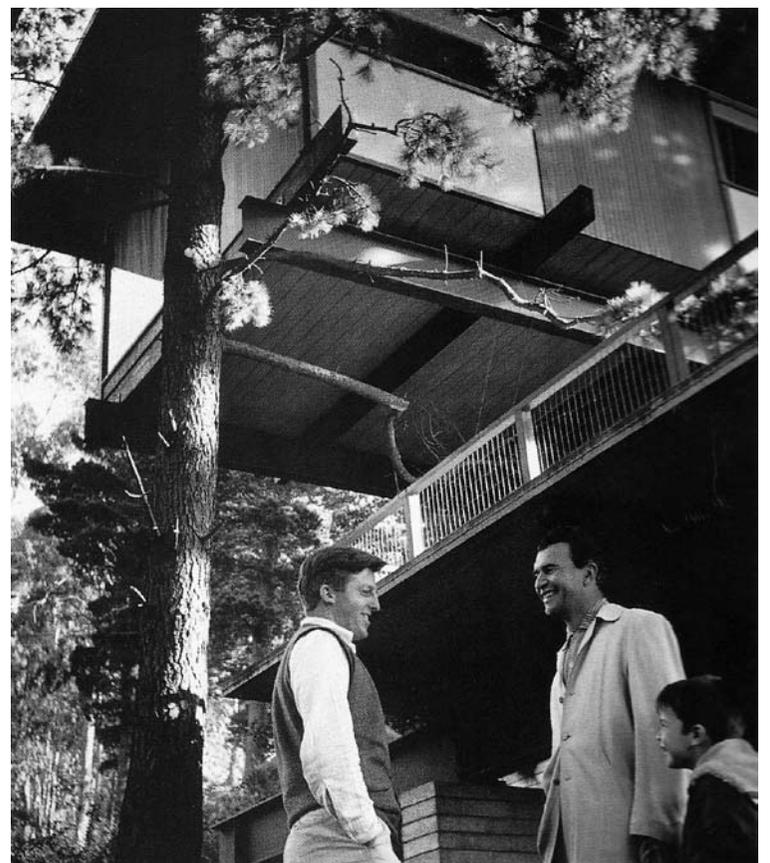


pré-existências do lugar e uma vigorosa estrutura edificada que não perde sua força expressiva nem negligencia as necessidades e particularidades de seus moradores.

Sem bons clientes não há boa arquitetura. Clientes que têm manias e gostos particulares. Que não reproduzem os estereótipos das mostras de decoração. Que desejam casas para viver e não para exibir. E, quem sabe, até para criar música. E filhos. Como David Warren Brubeck.

Para saber mais:
SERRAINO, Pierluigi. *NorCalMod. Icons of Northern Californian Modernism*. San Francisco: Chronicle books, 2006.

Carlos Alberto Maciel é arquiteto e urbanista, mestre pela EA-UFG. Professor, editor e fundador da revista de arquitetura MDC, sócio do escritório Arquitetos Associados.



As fotos desta matéria foram extraídas do livro *Norcalmod*

Savassi Festival 2008

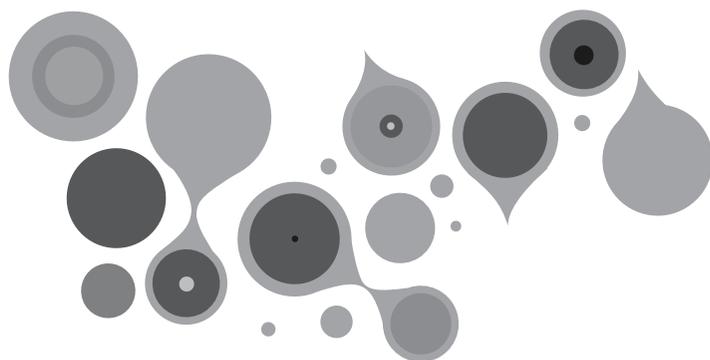
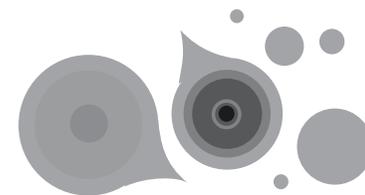
Jazz Clube 31 de julho a 02 de agosto

Onde	Horário	Couvert	31.07 Quinta-feira	01.08 Sexta-feira	02.08 Sábado
Café com Letras	20:00	R\$ 10,00	Marcelo Magalhães Pinto Trio	Weber Lopes	Márcio Hallack (JF)
Vinnil	23:00	R\$ 12,00		Palácio das Artes Gypsy Jazz	Jimmy Duchowny e banda convidam Mark Lambert (RJ)
Usiminas Belas Artes	22:00	R\$ 5,00	Projeto Brasil	Jazz'n'Coffee	Duo Roble
Mezzanino da Travessa	21:30	R\$ 12,00	All Stars Jazz Band	Cléber Alves	Bernard Fines (RJ)
Status Café, Cultura e Arte	20:00	R\$ 10,00	Marcos Rabello & Banda	Geraldo Vianna	Dino Rangel (RJ)
Marquês Bar Cultural	20:30	R\$ 10,00	Wilson Lopes e Beto Lopes	José Namen Quarteto	Balaio de Jazz

Savassi Festival 03 de agosto, domingo

	Palco Petrobras	Palco TIM	Palco Hospital Vera Cruz	Palco Jazzy
13:00	Vibratrio	Acid Minera	Tocaiangá	12:00 DJ Ivan Monteiro
14:00	DJ Corisco	DJ Frank	DJ Trista	13:30 DJ L_AR
15:00	Chico Amaral	Mauro Rodrigues	Celso Moreira	15:00 DJ Fausto
16:00	DJ Corisco	DJ Frank	DJ Trista	16:30 DJ Paloma
17:00	Scott Feiner	Maria Bragança	À Deriva (SP)	18:00 DJ Seu Muniz
18:00	DJ Cubanito	DJ Yuga	DJ Casperroots	20:00 DJ Bitt
19:00	Violões do Horizonte	Vana (USA)	Engstfeld-Weiss Quartet (DE)	
20:00	DJ Cubanito	DJ Yuga	DJ Casperroots	
21:00	Toninho Horta	Rufo Herrera, Sylvia Klein - Quinteto Tempos	Eileina (UK)	

R. Antônio de Albuquerque, entre R. Sergipe e Av. Cristóvão Colombo
Entrada mediante a doação de 1kg de alimento não perecível



Workshops Pro-Music

	05.08 Segunda-feira
18:30	Vana (USA/Piano)
20:30	Eileina (UK/Voz)

Av. Nossa Senhora do Carmo,
550, São Pedro
Inscrição: R\$ 15,00 por workshop

Adriano Macedo estréia na



Alemar Rena

“Um mosaico de situações que exploram as angústias do ser humano e expõem os personagens aos seus íntimos momentos de tensão.” Assim o jornalista Adriano Macedo define O retrato da dama, seu livro de estréia cujo lançamento foi realizado dia 28/06 no Café com Letras. A coletânea é uma publicação da Autêntica Editora – com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte – e reúne 10 contos escritos nos últimos 10 anos.

Nascido em Belo Horizonte em 1972, Adriano Macedo é graduado em jornalismo, pela PUC Minas. Trabalhou na Gazeta Mercantil como editor do suplemento Minas Gerais, sem, no entanto, deixar de lado a vocação literária.

Nos últimos seis anos, Adriano exerceu a direção executiva do Salão do Livro de Belo Horizonte, o que lhe colocou em contato direto com o mercado editorial brasileiro. Em 2005, passou uma temporada em Paris, desenvolvendo a pesquisa intitulada Trilhas Literárias. Ele tem contos publicados em revistas eletrônicas como Tanto (no Brasil) e Triplo V (Portugal).

INSPIRAÇÃO EM PARIS

O conto que dá nome ao livro surgiu a partir de uma viagem que o autor realizou a Paris, em 1998. “Foi quando me deparei, assim como o personagem do conto, com esse quadro exposto no Museu d’Orsay”, diz Adria-

no. “Para o personagem Ari, a tela tem significados distintos. Para mim, foi um momento simbólico, de sincronia, um rito de passagem para que eu tomasse a decisão de escrever literatura.”

Para Adriano, o escritor é antes de tudo alguém que aprecia a leitura. “No meu caso, comecei a ler cedo, embora não houvesse uma cultura literária em casa”, explica. As grandes influências literárias, no entanto, viriam mais tarde, de autores universais como Ernest Hemingway, Scott Fitzgerald, Henry Miller e Dostoievski. Outros que tiveram papel importante na sua formação como leitor e mesmo para a compreensão dos gêneros e contextos históricos foram Balzac, Proust e Tolstoi. “No Brasil, fazem parte do meu cardápio de leitura permanente Machado de Assis, Lygia Fagundes Teles, Luiz Vilela e Rubem Fonseca”, afirma o escritor.

“Adriano Macedo repinta, com cores às vezes densas, às vezes tragicômicas, temas tão antigos quanto a história do homem: envelhecimento, solidão, ciúme, vingança, culpa, luxúria e cobiça”, afirma o romancista Antônio Torres, que assina as orelhas do livro. “A sobriedade na composição dos conflitos básicos dos personagens e suas resoluções é um dos pontos altos da obra”.

O conto Folha Seca, publicado aqui, integra o livro de contos O retrato da dama.

FOLHA SECA

REMINISCÊNCIAS

AQUELE HOMEM LEVA UMA VIDA DE AUTÔMATO. NÃO POR ESTAR APOSENTADO, MUITO MENOS POR IGNORÂNCIA OU ESTUPIDEZ. POR FALTA DE DIREÇÃO E SENTIDO. AO CONTRÁRIO DE QUANDO ERA RESPONSÁVEL PELO DESTINO DE MILHARES DE PESSOAS NO COMANDO DE UMA AERONAVE. MORREU-LHE A MULHER, DE CÂNCER, HÁ POUCO MAIS DE UM ANO. COM ELA COMPARTILHOU QUARENTA ANOS DE VIDA.

ACABARA DE CHEGAR EM CASA. ENTROU NA SALA E LEMBROU-SE DO CACHORRO AUSENTE. O ANIMAL DE ESTIMAÇÃO O RECEBIA COM FESTA. O CÃO SEGUIU O DESTINO DA ESPOSA, DEPOIS DE MESES SEM ABANAR O RABO. NÃO SUPORTOU A PERDA. O HOMEM SENTIU-SE ENVERGONHADO; O CACHORRO CONVIVEU COM A DONA APENAS DEZ ANOS E SE ENTREGOU A UMA PROVA DE AMOR SUPERIOR À DELE. É ASSIM QUE SE SENTIA E JUROU NÃO PROCURAR OUTRO CALOR NA AUSÊNCIA DA MULHER. O CORAÇÃO EM TURBULÊNCIA NÃO SUPORTAVA A SAUDADE. VIU, NA ESTANTE DA SALA, A FOTO DO ÚNICO FILHO. MORA NO EXTERIOR, VISITA O BRASIL UMA VEZ AO ANO. NO NATAL. SEGUIU O PRÓPRIO RUMO E TAMBÉM NÃO PERTENCE MAIS ÀQUELE HOMEM.

CAMINHOU ATÉ A COZINHA PARA BEBER ÁGUA. VIU A GAIOLA NUM CANTO NA ÁREA DE SERVIÇO. VAZIA. DESDE O DIA EM QUE DECIDIU ABRIR A PORTINHOLA E DEIXAR OS CANARINHOS PARTIREM. PARA QUE O CANTO NÃO LHE TROUXESSE LEMBRANÇAS. “QUÊ QUE ELA TÁ FAZENDO AQUI?”, SURPREENDEU-SE O HOMEM. ELE ORDENARA A EMPREGADA A SE LIVRAR DAQUELA CELA SOLITÁRIA HAVIA MUITO TEMPO.

NA PRATELEIRA DE UM DOS QUARTOS, VIU OS LIVROS ESQUECIDOS. “PRA QUÊ LER?” SÓ TINHA PRAZER NAS LEITURAS AO LADO DA MULHER. AS HISTÓRIAS GANHAVAM VIDA. ELE NA POLTRONA DA SALA, A COMPANHEIRA NA CADEIRA DE BALANÇO, FAZENDO CROCHÊ. A CADEIRA SE ENCONTRAVA ALI, PARALÍTICA. MOVIMENTOS APENAS NAS RECORDAÇÕES. VIAGENS NÃO TÊM MAIS SENTIDO SEM A MULHER. OS PÃES NÃO POSSUEM O MESMO SABOR. NEM O CAFÉ. A CAFETEIRA AINDA É VERMELHA, AS MARCAS DO PÓ E DO FILTRO DE PAPEL SÃO AS MESMAS, MAS O CAFÉ PASSADO PELA EMPREGADA, HÁ POUCOS MESES NAQUELA CASA, JAMAIS SOUBE ACOMPANHAR O LEITE COM DIGNIDADE. A ESPOSA PREPARAVA TODAS AS REFEIÇÕES. PARA O HOMEM, NINGUÉM A SUBSTITUIRÁ.

REFLEXOS

ERA INÍCIO DE NOITE, ACABARA DE VOLTAR DE UMA CAMINHADA PELAS RUAS DO BAIRRO, MOMENTO EM QUE TENTAVA ATERRISSAR E REABASTECER-SE. ENTROU NO QUARTO, ABRIU A PORTA DO ARMÁRIO PARA RETIRAR ALGO E CRISTALIZOU O OLHAR DIANTE DO ESPELHO. A IMAGEM REPLICADA O PERTURBOU. NÃO SABIA O PORQUÊ. ERA COMO SE O ROSTO FOSSE O ESPELHO DAS ANGÚSTIAS. “É UMA FOTOCÓPIA PERFEITA DE NOSSAS IMPERFEIÇÕES. SERÁ QUE É PRA ISSO QUE SERVE? E SE NÃO EXISTISSE? AS MULHERES SE SENTIRIAM MAIS BELAS? OS HOMENS MAIS JOVENS? AS CRIANÇAS MAIS FELIZES? OS VELHOS MAIS DIGNOS?”. AS ABSTRAÇÕES COMEÇARAM A INQUIETÁ-LO.

LEMBROU-SE DE UM DOS CONTOS DE JORGE LUIS BORGES, UM DOS ESCRITORES PREFERIDOS NA ÉPOCA EM QUE GOSTAVA DE LER. NÃO SE RECORDAVA DA HISTÓRIA, APENAS DE UMA FRASE QUE O INCOMODOU NAQUELE MOMENTO. “OS ESPELHOS TÊM ALGO DE MONSTRUOSO. OS ESPELHOS E A CÓPULA SÃO ABOMINÁVEIS, PORQUE MULTIPLICAM O NÚMERO DE HOMENS”.

TIROU A ROUPA E FICOU MIRANDO O ESPELHO. A IMAGEM REFLETIDA, IMPLACÁVEL, ATRAVESSOU-LHE O ESPÍRITO, EMBORA ELE NÃO CONSEGUISSSE ENTRAR NA ALMA DO ESPELHO. A CALVÍCIE AVANÇAVA, A BARRIGA CRESCERA, OS CABELOS BRANCOS NO PEITO ARRANCAVAM DAS RAÍZES SENTIMENTOS PROFUNDOS. O CORAÇÃO PALPITOU. AS RUGAS SIMBOLIZAVAM A AMPULHETA DO TEMPO A SINALIZAR OS CAMINHOS TRAÇADOS EM DIREÇÃO AO FIM, O PÊNIS ACENTUARA SUA PEQUENEZ DIANTE DA VIDA FUGAZ.

CONCLUÍRA QUE O ESPELHO NÃO ENGANAVA, AO CONTRÁRIO, IA FUNDO, ERA LENTE DE AUMENTO A REFLETIR OS DESENGANOS. “AO DUPLICAR O NÚMERO DE HOMENS, MULTIPLICA O DESGOSTO, A INDIFERENÇA, A INSENSATEZ, A DESILUSÃO”. ABAIXOU-SE, ENFIOU A MÃO NO BOLSO DA CALÇA, QUE SE ENCONTRAVA NO CHÃO, APAGOU A LUZ DO QUARTO, VOLTOU PARA DIANTE DO ESPELHO E ACENDEU UM ISQUEIRO. VIU DIANTE DE SI O MONSTRO DE BORGES. NÃO VIU A SAUDADE, PORÉM A SENTIU DUPLICADA. TREMIA POR DENTRO, COMO NO DIA DO ENTERRO DA ESPOSA. NÃO SUPORTAVA A AUSÊNCIA DA MULHER. E TEMIA O INEVITÁVEL. SABIA QUE ERA UMA AERONAVE SEM CONserto, MANUTENÇÃO QUASE IMPOSSÍVEL, MÁQUINA CUJOS MOTORES SILENCIARIAM EM BREVE. CERROU O PUNHO, SOCOU O MONSTRO, A VISTA ESCURECEU, ESTATELOU-SE NO CHÃO. OS CACOS DE VIDRO MACHUCARAM MENOS QUE A IMAGEM REFLETIDA NO ESPELHO.

ficção com livro de contos



A seguir Adriano Macedo comenta sobre sua vida profissional e temas escolhidos pelo Letras.

Momentos importantes na vida profissional

Na minha infância queria policial como muitas crianças da minha época, influenciado principalmente pelas séries de televisão *Swat*, *O Homem de Seis Milhões de Dólares* (interpretado por Lee Majors), *A Mulher Biônica* (com Lindsay Wagner) e *As Panteras* (estrelada por Kate Jackson, Farrah Fawcett e Jaclyn Smith). Eram filmes de muita ação que me fascinavam. Na adolescência, fiquei na dúvida entre ser jogador de futebol, geólogo e oceanógrafo, até assumir a convicção, aos 15 anos, de que gostaria mesmo de ser jornalista. Gostava de escrever e sempre contribuía com textos e poemas para os jornais estudantis “ENFRENTA” e “POR TRÁS DA BATINA”, dos colégios Loyola e Santo Antônio, até que comecei a ajudar na edição das publicações, o que me trouxe a primeira experiência na área. Aos 17 anos, antes mesmo de entrar para a faculdade de jornalismo na PUC Minas (o que ocorreu em 1991), montei um jornal de bairro chamado “Flash Local”, juntamente com meu irmão, Anibal.

Na cara e coragem, por durante pouco mais de um ano, escrevia, vendia anúncios e

distribuía 10 mil exemplares da publicação, na zona sul de Belo Horizonte. Cada mês, um amigo ou parente me ajudava a distribuir, de casa em casa, o jornal madrugada a dentro. No São Bento, chegamos a utilizar carrinho de supermercado para circular pelas avenidas. A aventura acabou quando peguei uma pneumonia e tive que sossegar. Passei o jornal adiante, conduzido posteriormente pela jornalista Sandra Kiefer. Mas dessa experiência surgiram outras oportunidades, comecei a editar jornais de empresas, sindicatos e instituições, além de trabalhar como “frila” e posteriormente como assessor de imprensa. Em 1996, o jornalista Valério Fabris, diretor da sucursal da Gazeta Mercantil em Belo Horizonte, me deu a oportunidade de, juntamente com uma equipe de jornalistas, fotógrafos e diagramadores, participar da elaboração e da edição diária do suplemento Minas Gerais. O conceito era completamente diferente. Priorizávamos sempre os projetos e iniciativas locais. Nas páginas de cultura, entre as grandes produções de fora que chegavam para curta temporada no Palácio das Artes e um escritor, grupo de teatro ou músico mineiro, destacávamos a arte e o talento regional. Em pouco mais de cinco anos, este conceito fez a tiragem praticamente triplicar. Para um jornal especializado em economia, foi uma proeza obter, na épo-

ca, uma tiragem superior a 10 mil exemplares. Na literatura, escrevo desde a adolescência, primeiramente poemas, nos últimos dez anos, o gênero conto, com o qual estabeleci uma grande afinidade. Para mim, escrever ficção é uma forma de pintar um mosaico de situações que exploram as angústias do ser humano e expor os personagens aos seus íntimos momentos de tensão. Para mim, o escritor tem um papel essencial para refletir seu tempo e a condição humana de sua época.

Avaliação do mercado editorial de Belo Horizonte e repercussões do Salão do Livro

Sem dúvida, um evento desse tipo tem um papel importante para fomentar o mercado por meio da feira, mas o compromisso maior, enquanto estive na organização do evento, sempre foi com a formação do leitor. Agora, sem dúvida nenhuma, Belo Horizonte é um pólo de criação e produção na área de literatura infantil e juvenil, com diversos autores e ilustradores premiados internacionalmente. Além das editoras que se destacam nessa área, há outras, voltadas para o segmento de educação e para o meio universitário que encontraram um caminho próprio e se tornaram referência também no segmento, como a Editora UFMG, a Autêntica Editora e a PUC Minas, por exemplo. Mas na área de literatura, Minas, embora seja pólo de criação,

com grandes escritores, apresenta, contudo, um gargalo enorme no campo da edição e da divulgação desses autores, já que as grandes editoras se concentram no eixo Rio-São Paulo. Falta um movimento, uma união, um intercâmbio maior entre os próprios escritores, que já foram mais ligados nos anos 70 e 80, capitaneados, sobretudo, pelo escritor Oswaldo França Júnior, uma liderança entre a classe.

A literatura em tempos de novas mídias

Não sou um especialista na área, portanto falo da minha percepção no senso comum. Acredito que a internet tem mudado o hábito de muitas pessoas, principalmente adolescentes, que nem adquiriram direito o hábito pela leitura de conteúdos impressos e já mergulharam no mundo virtual. Por um lado, perde-se a oportunidade de estabelecer conexões mais fortes entre esses potenciais leitores com os livros em formato convencional, se não há um incentivo diferenciado na escola ou um ambiente referencial dentro de casa. Mas é cada vez maior o número de projetos e iniciativas na rede voltadas para a difusão da literatura para crianças, jovens e adultos. Os comunicadores e profissionais da área de educação têm um grande desafio pela frente ao descobrir formas de conectar essa nova perspectiva ao mun-

do real, tornando-se um facilitador. Com a dispersão cada vez maior entre as mídias, a internet acaba se tornando uma ferramenta muito mais próxima do usuário em geral do que os jornais convencionais, por exemplo. E de graça. E temos sites fantásticos, com propostas de qualidade, além de uma infinidade de blogs e comunidades que aproximam criadores, editores e leitores a partir de uma nova perspectiva, com interatividade e sem filtros. Há inúmeros exemplos, mas apenas citando alguns que me ocorreram de imediato: Cronopios (www.cronopios.com.br), Releituras (www.releituras.com), Jornal Rascunho (<http://rascunho.rpc.com.br>) e Tanto (www.tanto.com.br). Sem falar nos internacionais, que encurtaram as distâncias e compartilham conteúdo no mundo inteiro.

Os projetos atuais

Atualmente, estou na fase de captação do projeto Café dos Escritores, com título aprovado na Lei de Incentivo Estadual. Trata-se de um projeto de incentivo à leitura e de difusão dos escritores de Minas Gerais, ancorado no portal www.cafedosescritores.com.br, com reportagens, notícias e entrevistas sobre autores contemporâneos, projetos e práticas de incentivo à leitura, museus e casas de escritores mineiros, oficinas de capacitação e eventos literários.

Mais conversa sobre tecnologia e cultura com Paulo Waisberg

Aleamar Rena

A coluna Tecnologia e Cultura publica nesta edição a segunda parte da conversa com o arquiteto Paulo Waisberg, do escritório Architectural Adventures (Belo Horizonte). Dando continuidade à primeira parte da entrevista, publicada na última edição do Letras (número 22), Paulo nos fala um pouco mais sobre virtualidade/fisicalidade e política em tempos de difusão dos meios de comunicação.

Aleamar: Jean Baudrillard, em textos como A transparência do Mal, Sociedade de Consumo e Simulacros e Simulação fala de um lado negativo em relação à virtualidade generalizada na vivência e em processos criativos na atualidade, embora não argumente, pelo menos não em textos que eu conheço, uma volta para uma fisicalidade como possibilidade de um contra-ponto. Exercita apenas uma crítica. Como você vê a questão da fisicalidade e do virtual?

Paulo: Muito do que Baudrillard estava falando faz sentido, ele e um monte de outros caras. Se você vê esse copo aqui, ele não é estritamente um objeto. Primeiro ele é um objeto de design. Tem todo um histórico de design, mas você tem a experiência dele mediado por uma série de conhecimentos, uma série de outros significados que são comuns à cultura que a gente vive. Então, em casos extremos, quando você chega em casa e vê TV ou procura entretenimento na Internet por duas ou três horas, aquela informação que está passando parece tão importante na sua

vida quanto qualquer outra coisa. A gente vive em uma sociedade em que boa parte da nossa experiência é mediada.

Aleamar: Ele pensa numa hiper relação simulada. Na verdade não é uma simulação comum. Há um grau na escala da simulação que a gente subiu nas últimas décadas que é um grau novo. A realidade é suplantada por uma realidade de muitos intermeios. É como se ela passasse por um filtro muito longo de intermediação até chegar à gente. A TV é real e cria uma realidade, isso não é problema; diria até que em algum nível (às vezes mais, às vezes menos) ela se relaciona de fato com uma ocorrência dada no mundo geofísico. O problema é você achar que aquela TV, aquela realidade na sua frente, representa aquela outra realidade geofísica de uma forma muito mais pura ou objetiva do que ela o faz de fato... Isso é importante porque o discurso do jornal, por exemplo, da realidade como ela é... como é que eles o chamam? Imparcial, objetivo, gera um situação meio absurda quando o espectador não tem fermentas intelectuais para pensar seus significados, o que é o mais comum. Mas voltando à questão da fisicalidade e virtualidade...

Paulo: Então, é este princípio de interferir nos equipamentos, mudar de uso, subverter, pegar produtos que foram descartados, trazê-los de volta e dar uma vida nova para eles. Eu acho que ainda tem muito potencial: você estava falando de um certo problema ambiental. O maior objeto humano que pode ser visto do satélite

é o monte de lixo de Nova Iorque; não é a muralha da china, não é Nova Iorque, é um monte de lixo. Então a gente produz uma quantidade enorme de resíduos no nosso modo de vida e alguns deles são descartados e escondidos antes de exaurir a possibilidade de uso e comunicação deles. Mas eles ainda estão lá, e acho que todos deveriam entender um pouquinho sobre como eles funcionam e o custo que existe na sua produção. Para mim, entender como as coisas funcionam, além de ser estimulante, é um princípio fundamental da existência na cultura.

A gente tem chicletes, máquina de lavar, avião porque num determinado momento a nossa civilização resolveu imaginar que estas coisas existiriam. Agora o que me admira é como hoje em dia as pessoas não têm a menor curiosidade de saber como um iMac funciona, de onde vêm as peças; ou então como é que um carro começa a andar quando você gira a chave. De alguma forma a gente involuiu neste aspecto. Porque esses objetos cercam a gente, eles interferem na nossa vida. Eles são susceptíveis de entendimento e isso não está restrito a um grupo de engenheiros lá em Taiwan ou nos EUA.

Aleamar: Mas isso não tem a ver um pouco com a complexificação de demandas que a gente tem hoje e de uma especialização radical para que essas demandas sejam atendidas nessa sociedade industrial. As pessoas têm pouco tempo para ser o que eles chamam de prosumer (produtor e con-

sumidor) mesmo no mundo virtual, isto é, uma pessoa que dá conta de produzir informação nesse nível intelectual que você está falando e ao mesmo tempo consumir...

Paulo: Eu acho que isso tem vários lados. Por um lado muito destas demandas são criadas pela sociedade de consumo, além disto não se tem interesse em abrir o conhecimento sobre a produção das coisas.

Aleamar: As pessoas não têm...?

Paulo: Os fabricantes não têm. Então se o iMac pudesse não ter nenhum parafuso para abrir, eles iriam ficar muito felizes.

Aleamar: Por quê?

Paulo: Um argumento comum é que especializando você consegue um produto melhor, a lógica por trás de uma máquina como a Ferrari. Porque tudo tem que funcionar num devido lugar, aquilo não está susceptível a ser hackeado, a ser modificado porque isto compromete o desempenho. Isto combinado a um desinteresse: desde que as coisas estejam funcionando, está tudo bem. A grande massa não é educada para se interessar pelo funcionamento das coisas.

Aleamar: Não é educada ou geneticamente você tem uma parcela maior de pessoas menos agitadas nesse sentido...

Paulo: Tem a ver com a cultura, porque isso varia. Lá nos EUA, por exemplo, você encontra pessoas que vivem a idéia do DIY (do-it-yourself). Existem canais de fornecimento de material para a construção e comunidades que compartilham

conhecimento sobre a fabricação das coisas.

Aleamar: Mas por que alguns fogem desses parâmetros e ficam debatendo, discutindo, pensando e buscando fazer alguma coisa que subverte os padrões de funcionamento? Em menor ou maior escala...

Paulo: Há várias ilhas de subversão. Em um nível extremo você tem a subversão total. O cara é anarquista e sai quebrando coisas. Em um nível menor, você está num sistema e começa a fazer pequenas operações que vão desestruturar ou modificar um sistema. E tem gente que está variando em cima de um sistema que já está predeterminado, aprimorando, adicionando algum pequeno detalhe, que é a grande massa das pessoas que estão criando.

Tem um monte de teorias a respeito do aparecimento de coisas novas. Durante muito tempo dava-se ênfase ao indivíduo criativo, o mito do gênio criador. A nossa história da arte, do desenvolvimento do conhecimento é toda povoada pelo aparecimento dessas personagens singulares. Durante o séc. XX, alguns estudiosos começaram a aplicar estatística em criatividade e começaram a aparecer um monte fatos interessantes, por exemplo: começaram a ver que algumas sociedades são mais criativas do que as outras e que determinadas épocas produziram muito mais novidades do que outras. Então existem algumas tentativas de explicação do porque isso acontece.

Certos sistemas sociais pos-

A DE AVENTURAS TECNOLÓGICAS

Maria-Fumaça Espacial Steampunk

Paulo Waisberg

Em 1822 Charles Babbage inventou uma máquina que pode ser considerada o primeiro computador da história. A máquina era chamada de Difference Engine e era um emaranhado de engrenagens, movida a manivela e concebida para calcular operações matemáticas complexas que na época eram realizadas à mão por dezenas de pessoas, utilizando calculadoras mecânicas. A máquina era complicada demais para os padrões do século XIX. Babbage não conseguiu arrecadar fundos e ela não pôde ser concluída naquela época.

Mas em uma realidade possível, a máquina de Babbage foi de alguma forma executada e desencadeou a revolução da informática 150 anos antes, em plena revolução industrial das máquinas a vapor, o que modificou de maneira fundamental a história.

Este é o enredo da novela Difference Engine, criada nos anos 90 pelos pais da ficção cyberpunk William Gibson e Bruce Sterling e é um dos livros principais de um subgênero chamado de Steampunk.

O Steampunk se transformou ao longo dos anos em uma subcultura que encontra expressão estética na colisão fantástica de tempos. Ao contrário do Cyberpunk, ela nem sempre se manifesta como distopia pós-apocalíptica. O termo engloba produções muito diversas em moda, artes, cinema, literatura e acomoda uma variedade de influências visuais e literárias, buscando por vezes fontes como a ficção científica do começo do século XX, como Julio Verne (20 mil Léguas Submarinas) e H.G. Wells (A Máquina do Tempo).

Personalidades como a do in-

ventor Nikola Tesla, mágicos como Harry Houdini ou a espiã Mata Hari povoam o universo Steampunk, que busca certo espírito de empreendimento, intriga, aventuras e descobertas.

Produções mais recentes atingiram o grande público, como A Cidade das Crianças Perdidas, A Liga dos Cavaleiros Extraordinários ou animações como Lost Planet da Disney e O Castelo Animado (o lindíssimo Howl's Moving Castle do diretor Hayao Miyazaki).

Mas o que principalmente me atrai na comunidade Steampunk é que ela não está apenas restrita a ler ficção ou passivamente assistir filmes. Seus participantes estão ativamente engajados em construir, jogar e viver nela.

O imaginário da ficção Steampunk tenta restaurar um senso de maravilhamento com o mundo tecnológico, com seus dirigíveis, tubos de ensaio, engrenagens de relógio e máquinas do tempo. Alguns falam de uma subversão criativa da tecnologia: carregar a bateria do i-pod pedalando uma bicicleta, desmontar uma impressora para construir um mecanismo que abre a porta para o gato de casa, construir máquinas de cobre com funções questionáveis, modificar um computador de forma que pareça uma máquina de escrever. Dentro do Steampunk não há preocupação em reduzir a eficiência para preencher a vida com algum assombro.

Para quem se interessar:

- <http://www.steampunkmagazine.com/> (publicação de artes e literatura Steampunk)
- <http://steampunkworkshop.com/> (alguns objetos steampunk)

que habilitou o surgimento de várias idéias novas.

Mas voltando à tecnologia, ela vem dando errado em muitos aspectos, embora muitas coisas deram certo maravilhosamente bem. Então você tem as máquinas de guerra, os tanques, a tecnologia nuclear que países como o Iran ou Coreia do Norte tem acesso, conhecimentos perigosos que estão se transformando em domínio público. Hoje em dia se você quiser saber como se fabrica uma bomba nuclear você acha na Internet... é claro que é difícil você conseguir o plutônio, mas se você conseguir pode fazer uma.

Aleamar: Mas também há as máquinas de guerra no contexto das comunicações. São máquinas de poder de interferência e de controle.

Paulo: Pois é, um exemplo desse impressionante é o Al Jazeera, que é uma rede de TV que mimetiza a BBC. E é interessante de onde ela veio, do Qatar. Eu nunca tinha ouvido falar dele; fui pesquisar e descobri que é um pequeno país que não tem histórico nenhum de democracia, que tortura e reprime a oposição. Agora, porque um país que sempre torturou qualquer opinião dissidente foi criar uma rede de comunicação para difundir informação pelo mundo? Hoje em dia a Al Jazeera tem contratos com TV's no mundo todo, ela é, por exemplo, fonte de conteúdo para a Band. Porque eles descobriram que é muito mais barato e eficiente investir em equipamento civil e contratar pessoas do que investir em armamento. Você consegue manipular as opiniões das pessoas para fazer o que for militarmente mais adequado.

Aleamar: E o mesmo acontece com a CNN nos EUA.

Paulo: Acho que o mundo ocidental já descobriu isso há algum tempo, mas o que é novidade é que sistemas que são estruturalmente repressivos, sociedades que não estão

abertas a diálogo descobriram que elas também podem fazer isso. Isso é novidade. Então é o caso do Hezbollah no Líbano. O Hezbollah é um grupo de guerrilha que tem o apoio do Iran e é um grupo Xiita que começou como reação à ocupação Israelense no sul do Líbano; eles eram mais uma das milícias na guerra. A partir de um certo ponto o Hezbollah descobriu que era mais fácil conseguir controle, poder, virando partido político. E hoje em dia o Hezbollah tem uma rede de TV, uma rede de comunicação paralela ao governo do Líbano, e eles estão numa guerra para tomar o controle do Líbano através dos meios políticos.

Num determinado momento da pós-modernidade grupos de guerrilha radicais descobriram que eles podem interferir numa sociedade pelos caminhos legais e através da mídia. E isso põe em cheque a nossa própria estrutura democrática; até que ponto você pode ouvir e deixar um grupo que tem um ideal de destruição de uma sociedade crescer na mídia. Se você é de fato democrático e tolerante com a diversidade você tem que dar liberdade para eles expressarem mesmo quando eles estão expressando a própria destruição de sua sociedade. Nós vamos encarar na próxima década mais um paradoxo das nossas sociedades democráticas.

Em tempo, uma boa discussão a respeito da relação entre canais de TV e o poder político do Estado nos EUA pode ser vista no filme Leões e Cordeiros (2007, EUA), com direção de Robert Redford e elenco formado por Robert Redford, Meryl Streep e Tom Cruise.

Aleamar Rena é músico e professor de TI do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix e do curso de pós-graduação Processos Criativos em Palavra e Imagem, da PUC-MG.

*E-mail: alemarrena@gmail.com
Colaborou na edição Marcos Martins.*

suem características que habilitam o aparecimento de novidades, de inovação. Alguns extremistas dizem que não existe o gênio criador, a idéia iria aparecer de qualquer forma naquela sociedade, naquela época... tem um cara chamado Csíkszentmihályi que tem umas teorias interessantíssimas: para ele a criatividade deve ser entendida através de um modelo dinâmico. O aparecimento de uma idéia nova depende da interação de três variáveis: uma é o indivíduo que vai ter a idéia, que vai ter o insight; outra, as pessoas que compõem aquele grupo disciplinar, os gatekeepers que falam "essa idéia é boa". Além disto, é variável o estado de conhecimento em que certa disciplina está, e sua condição para absorver idéias novas.

A física tem todo um instrumental que habilita o aparecimento de novas idéias, a matemática tem outra, a música tem outra. Os campos disciplinares são sistemas que podem possibilitar uma idéia nova até um certo ponto. O nosso mundo da matemática, se a gente ainda usasse os algarismos romanos, dificilmente poderia ser criado. Mas em uma sociedade que tem vários indivíduos criativos produzindo você tem várias idéias surgindo ao mesmo tempo, o que põe aí a ênfase em um grupo que diagnostica uma idéia como pertinente, válida.

Isso tudo não exclui o aparecimento de um gênio que é capaz de transformar um domínio e campo de conhecimento.

O Einstein, por exemplo, se ele fosse para ganhar os prêmios Nobel que merecia, ganharia pelo menos três. Então o cara era extraordinário. No entanto, na época em que ele produziu a física moderna, apareceu também a química moderna, modelos matemáticos novos... tinha um monte de gente extraordinária. Então aí você começa a olhar, aquele período histórico tinha alguma coisa

Sombras

John Cassavetes

Gabriel Martins

A música de Miles Davis, John Coltrane, Django Reinhardt dentre outros jazzistas parece estar sempre pronta para embalar imagens de personagens a andar em alguma metrópole entre os 50 e 60. Criou-se essa iconografia, do tempo musical, do snare arrastado mediado pela condução em ride que praticamente sustenta o tempo e a cena conduzindo-a, talvez pelo contrabaixo e solos de guitarra, para um rumo incerto. É nessa cadência do jazz que o estalar de dedos segue personagens de um cinema de câmera na mão, de sobreposição de ações e cenas que o diretor norte-americano John Cassavetes busca fazer neste primeiro momento de sua carreira.

Dito filme de improviso, Sombras, de Cassavetes, busca ruas e rostos. Se é apresentada uma articulação fílmica que aparentemente dispensa o rigor, é aí também, no "acidental", que a casualidade proveniente dos acontecimentos encontra sua real beleza. Não é dizer, com isso, que inexista um pré-planejamento. Há um percurso minimamente definido, encadeamento de alguns fatores e conflitos, mas, em soma geral, o que se vê é uma tentativa de mostrar pessoas, colar a câmera em seus rostos, livre movimento de dança com o universo das ruas, da música. Ritmo de jazz.

Jazz este que transforma o próprio ritmo da narrativa. Um conflito toma grandes proporções em um momento (briga entre Lelia e Tony) para logo depois cair na trivialidade da vida – um desapareço a um modelo da supremacia dos aconte-

cimentos. Neste esquema de polirritmia jazzístico há ali, latente, uma guia musicada da montagem. Desde a batida em ragtime, swing e blues, Sombras flui no estabelecimento da nota aos relacionamentos e desavenças.

O filme sustenta-se também pela fluência da câmera entre os atores em cena, uma busca maior pela geografia da locação como uma existência do mundo real, não um cenário erguido. Há, com isso, uma fotografia naturalista, da câmera que ganha o externo buscando o que já está lá. Ao mesmo tempo, não nega as possibilidades da estratégia de câmera. Na cena em que Rupert, Hugh e um apresentador praticam uma piada, eles são enquadrados estrategicamente de forma a percebermos todas as reações simultaneamente, o que demonstra uma premeditação que, por mais que em si seja coordenação, não deixa de pretender enfatizar a maior importância da cena: não é válido o que exatamente está sendo dito, mas sua existência simplesmente como uma fala de um personagem, de um momento e sua casualidade. Uma jóia de representação cênica, rostos em conforto com a sua cidade (no que diz respeito à presença física, não aos anseios profissionais e amorosos) porque eles são, sim, frutos dali. O nome do ator é o nome de seu personagem, e daí, parte a desconstrução fílmica do que se pretende real dentro da assumida existência de um mundo exterior ao cinema. Claras semelhanças com Quem bate à minha porta, de um Scorsese que também saberia anos mais tarde

filmar das ruas à cama. Cassavetes, logo na estréia, redefinindo para si e para o mundo o próprio significado do tempo.

Filmes Citados:

- Sombras (Shadows, 1959/ John Cassavetes)
- Quem bate à minha porta (Who's that knocking at my door, 1967/ Martin Scorsese)

Gabriel Martins é crítico e redator da Revista Eletrônica Filmes Polvo.



A ponto de explodir

Adriano Macedo

Sérgio Fantini nasceu em Belo Horizonte e quem o conhece pessoalmente sabe que o escritor é o pai da paciência, comedido, munido de fina ironia no seu cotidiano, desde o tempo em que publicava zines e livros de poemas nos idos da década de 70. Se o autor está a ponto de explodir, é difícil perceber, aparenta um autocontrole próprio dos budistas. Mas na criação literária, é duro, seco, vai direto ao ponto, parece carregar um monstro que se agiganta na construção das suas histórias. Alguns dos personagens criados por ele estão no limite. Estou falando de "A ponto de explodir", que reúne 19 contos do cotidiano, em que o narrador (ora em primeira, ora em terceira pessoa) descortina os dramas dos seus personagens, as intenções reveladas nos gestos ou, às vezes, dissimuladas. Embora a construção dos textos seja uma lapidação racional, Fantini reconhece a transformação. "Literatura é uma catarse".

PAINEL

Para o escritor Jaime Prado Gouvêa, "A ponto de explodir" é um painel de contos escritos "com a fúria de quem sabe cortar a realidade com a destreza da palavra, impiedosa e limpa como uma faca, mas sem camuflar o lirismo e a beleza de um texto que trata a pele da alma como uma flor em carne viva". Pessoalmente, destaco quatro contos nesse conjunto de histórias. "Uma no mercado", "A pele da alma", "Pegador" e "A ponto de explodir", que revelam as angústias de seus personagens diante da vida, em situações corriqueiras ou em momentos mais dramáticos.

Mas como o gosto é pessoal, certamente outros leitores podem ter percepções diferentes. É ler pra ver.

PAIXÃO E SOMBRAS

Dois lançamentos marcaram a última semana do mês de junho. A escritora Dagmar Braga, que movimentou o meio literário com oficinas e encontros no Espaço Cultural Letras e Ponto (www.letraseponto.com.br), lançou seu primeiro livro. "Geometria da paixão" (Anome Livros) é uma coletânea de poemas sobre as várias faces da paixão, da solidão e do desejo. A obra tem a chancela de Affonso Romano de Sant'Anna, que dá um depoimento pessoal sobre a autora na contracapa. João Batista Melo, autor dos premiados "Patagônia" (Prêmio Cruz e Sousa), "As baleias de Saguenay" (Prêmio Paraná e Prêmio Cidade de Belo Horizonte) e "O inventor de estrelas (Prêmio Guimarães Rosa), autografou "O colecionador de sombras" (Editora Record).

FLANAR PELOS SEBOS VIRTUAIS

Uma dica publicada no jornal O Globo: para quem gosta de se aventurar em busca de livros antigos e raros, o site Estante Virtual pode ser uma opção. Acaba de atingir a marca de mil sebos reunidos no mesmo endereço: www.estantevirtual.com.br. Além de ter o objetivo de funcionar como mecanismo de busca para procura de um título, autor ou editora em acervos de dezenas de sebos e coleções pessoais de internautas cadastrados, o site também funciona como projeto de marketing. "A cada mil livros cadastrados os sebos têm uma média de R\$ 500 de faturamento mensal. Mas existem, claro, os

livros raros, cujo valor ultrapassa esse montante. A primeira meta do site foi alcançar um milhão de livros com preços até R\$ 12. Hoje já são 1,119 milhão. A Estante Virtual já tem 985 lojas e livreiros independentes cadastrados em 180 cidades de 21 estados."

FRICÇÕES

Chega às livrarias a coletânea de ensaios de Vera Casa Nova, professora da Faculdade de Letras (Fale) da UFMG, "Fricções – Traço, Olho e Letra" (Editora UFMG). A obra revela a paixão da autora por inúmeros autores, sobretudo pelo sociólogo, escritor, crítico literário, semiólogo e filósofo francês Roland Barthes, autor de obras como "O sistema da moda", "Fragmentos de um discurso amoroso" e "A câmara clara". O livro apresenta análises de pesquisas e do trabalho docente da autora com o objetivo de formar novos pesquisadores para as áreas de Letras, Comunicação, Artes, Arquitetura e Filosofia.

ESTUDOS LACANIANOS

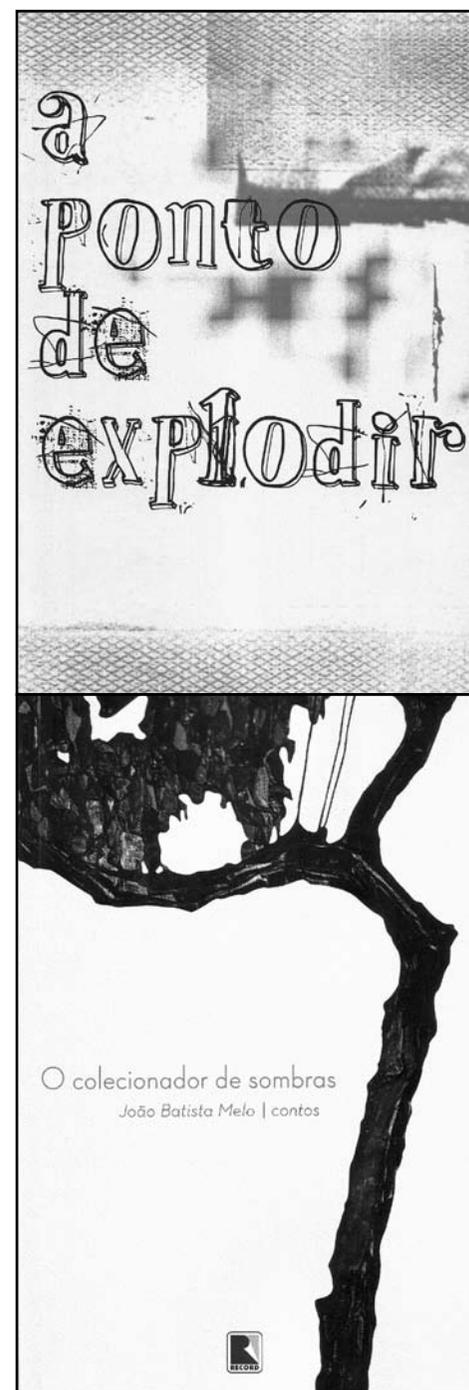
A editora e livraria Scriptum acaba de lançar número especial da revista "Estudos Lacanianos". O título? "O All Star da Civilização".

FRASE DE BIBLIOTECA

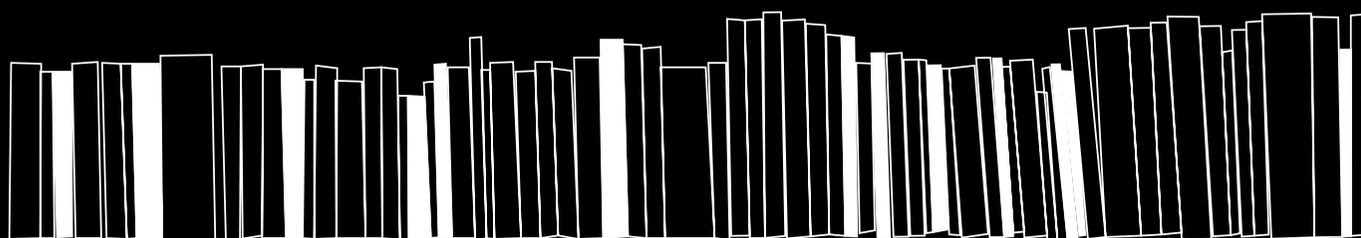
"Toda a diversidade, todo o encanto, toda a beleza da vida se compõe de luzes e de sombras" (Tolstói, em Ana Karenina).

Adriano Macedo é jornalista e escritor, autor de "O retrato da dama" (Autêntica Editora).

E-mail: adriano@cafedosescritores.com.br



Geometria da Paixão
Dagmar Braga



LANCE O SEU LIVRO NO CAFÉ COM LETRAS

O outro lado de cá

Vinícius Lacerda

Violenta forma de exclusão, o preconceito racial é bastante comum em todo mundo. E mesmo no Brasil, onde a população é, em sua maioria, negra ou afro-descendente, o racismo é uma prática muito frequente. Como forma de amenizar os efeitos danosos dessa situação na sociedade, várias entidades são criadas. E, nesse âmbito, a arte se torna um instrumento para levar as pessoas à reflexão.

Pensando nisso, a ONG Grão e a Prefeitura Municipal de Cachoeira da Prata, com o apoio do Fundo de Direitos Difusos do Ministério da Justiça, viabilizaram a exposição “O outro lado de cá”, que reúne imagens e

falas que se propõem a explicitar o problema do preconceito racial através da forma como antigos moradores da comunidade de descendentes do ex-escravo Nicolau Teixeira apresentam sua própria história.

O diálogo entre os relatos orais e as imagens atuais da comunidade busca desconstruir a aparência harmônica que pauta as representações oficiais da história local e conduzir o olhar do observador para uma realidade alternativa, que não falseia conflitos e guarda em si a capacidade de ser, ao mesmo tempo, crítica, ácida e bela.

As fotos estarão em exposição no Café com Letras a partir de 15 de julho.



Flanelinha

Antônio Augusto

Certificou-se de que não havia ninguém por perto. Entrou rápido no carro e ligou o motor.

Como do nada, surgiu um flanelinha, fazendo sinal-ainda não poderia sair. Esperou impaciente o sinal de partir. Abriu o vidro da janela.

- Hoje estou sem trocado.
- Nem uma moedinha, doutor?

Pensou no cofre de porquinho do filho. Teve vontade de atropelar o rapaz que se postava ao lado e arrancou cantando os pneus.

Sentiu muita raiva de si mesmo. Bateu com força as duas mãos no volante, saiu costurando por entre o trânsito pesado, buzinou várias vezes, gritou insultos.

Respirou aliviado ao chegar ao escritório. Vestiu um sorriso simpático, deu um bom-dia geral aos clientes que o esperavam e ordenou a secretária.
- Me traga um café.

No dia seguinte teve que voltar ao mesmo lugar. Estava decidido: iria procurar um estacionamento pago. Mas ao passar pela rua viu a mesma vaga, parecia que estava esperando desde o dia anterior. Parou, olhou bem se havia guardador por perto, ficou em dúvida se ficava ou não,

mas por fim decidiu estacionar.

Quando voltou, assegurando-se de que não havia nenhum flanelinha lhe aguardando, entrou no carro. Ao olhar pelo retrovisor para dar ré, lá estava o mesmo rapaz dando sinal de saída. Com o ódio lhe amargando a boca, fechou os olhos, acelerou fundo, sentiu um baque seco na traseira do carro, engatou primeira e saiu em disparada.

Bem longe dali, parou e verificou, em toda lataria do automóvel, se havia algum sinal de batida e de sangue. Nada. Sentou-se novamente, respirou fundo e tentou coordenar o raciocínio, mas sua mente girava a mil por hora: e se ele caiu e estourou os miolos no meio fio, e se a roda passou no seu corpo, e se ele ficou enganchado no carro por algumas quadras.

Querida desaparecer. Não, pensou, o negócio é fingir que nunca estive naquele lugar, levar um dia normal, não provocar suspeitas, se me chamarem, nego, nego até as últimas consequências.

No escritório não conseguiu dar o bom-dia geral, esqueceu-se da secretária e do café. Mal atendeu a dois clientes e dispensou os restantes. Ao voltar pra casa colocou o rádio do carro numa emissora popular para saber se havia alguma notícia

do atropelamento, nada. Viu todos os tele-jornais do almoço, coisa alguma. Tentou retornar a rotina na parte da tarde, não conseguiu. Passou o resto do dia entre a televisão e o rádio.

Em sua cabeça só havia lugar para as possíveis manchetes, para a sua prisão e para a multidão enfurecida tentando linchá-lo.

Não dormiu e cedo foi comprar os jornais da cidade. Sentou num banco de praça e os folheou várias vezes. Não encontrou nenhuma notícia. Saiu sem rumo e quando deu por si estava próximo ao local do suposto crime. Ficou parado olhando sem saber o que fazer, nisto alguém lhe cutucou as costas. Enregelou-se, suas pernas bambearam, prestes a desmaiar. Respirou fundo, virou-se e ficou cara a cara com o flanelinha.

- Calma doutor, o senhor está se sentindo bem? Querida apenas me desculpar pelo soco no carro. Ele amassou? O senhor vinha em cima de mim, tive que fazer barulho pra avisar.

Ele deu um suspiro de alívio, pegou a carteira e estendeu uma nota de cinquenta pro guardador.

E todos os deuses, santos, querubins e serafins voltaram a reinar sobre a terra.

Para começar

Nísio Teixeira

Saudações a todos. A partir de agora, o Letras abre espaço para uma periódica discussão acerca da Economia da Cultura, em especial sob dois aspectos: um mais histórico-conceitual, trazendo, a cada edição, rápidos exemplos, nomes e conceitos; outro mais, digamos, indicativo, comentando alguns estudos, relatórios, livros, sites e afins sobre o tema. Na verdade, uma oportunidade para compartilhar – e de maneira bem despreziosa – leituras e impressões dessa área, que venho coletando em função de pesquisas, projetos e ainda da participação de um grupo de estudo interdisciplinar recém-criado no Cedeplar, ligado à Faculdade de Ciências Econômicas (Face), da UFMG.

UM PRIMEIRO CONCEITO

Para a professora Ruth Towse, da Erasmus University, de Roterdã (Holanda), a economia da cultura é a aplicação da economia à produção, distribuição e consumo de todos os bens e serviços culturais. “O que todos os bens e serviços culturais têm em comum é que eles contêm um elemento artístico ou criativo. Bens culturais são objetos tangíveis, como uma obra de arte ou um livro; os demais são serviços intangíveis, como uma performance musical ou uma visita a um museu. Alguns são produtos finais oferecidos aos consumidores; outros são produtos e serviços que vão para a produção de outros produtos culturais ou de encontro a uma produção não cultural: um CD pode ser vendido ao consumidor, tocado no rádio ou tocado dentro de uma loja de esportes. Alguns bens culturais são duráveis, como um quadro em um museu ou um vídeo; outros, especialmente performances artísticas, existem apenas por um particular período de tempo”. Veremos futuramente como essa distinção entre obras duráveis, reproduzíveis

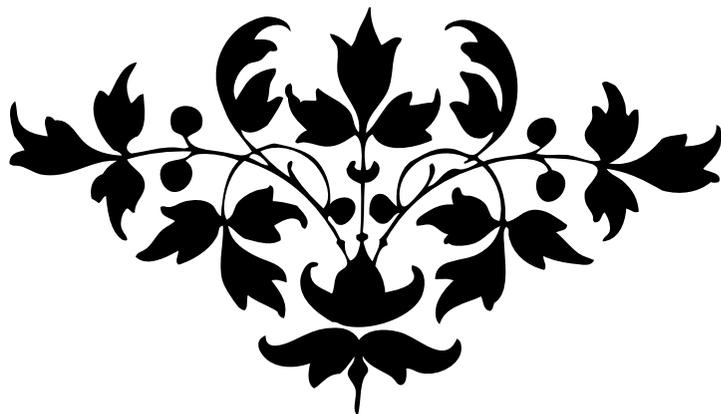
e, digamos, instantâneas trarão, para si, problemas econômicos específicos.

“Noves fora o elemento cultural, o que os bens culturais têm em comum com outros bens e serviços é que sua produção utiliza recursos como trabalho e capital. Mas muitos produtos e serviços culturais são vendidos no mercado, enquanto outros são cobertos por políticas públicas e oferecidos gratuitamente. Dependendo do tipo de benefício oferecido, quanto menor o apelo de público do produto ou serviço cultural, maior pode ser a interferência do estado seja para promovê-los diretamente, ou controlar sua produção e distribuição por regulação”. Também veremos aqui como a questão da Economia da Cultura se processa diante do privado (mais forte em países de tradição anglófona, como os Estados Unidos e Inglaterra) e do público e governamental (mais forte em países de tradição latina, como França e Itália). E também como as diretrizes de cada parágrafo acima repercutem no Brasil.

DICA

Esta definição de Towse foi retirada do texto introdutório assinado pela autora no livro *The Handbook of Cultural Economics*, editado pela Edward Elgar (www.e-elgar.co.uk), que tem um catálogo especializado em Economia da Cultura em seus mais variados aspectos, incluindo turismo e lazer. Mas neste livro, Towse organiza diversos textos introdutórios sobre economia da cultura através do olhar de vários campos – vai de Sociologia da Arte até Cinema; de Lluís Bonet a David Throsby; de ensaios filosóficos a fórmulas de microeconomia, enfim, um prato cheio para todos os gostos.

*Nísio Teixeira é jornalista e professor.
E-mail: nisiotei@gmail.com*



Preto e Branco

Jazz, Soul e o que merece um bom P&B

Elias Kfoury

Quando vi que o tema era Jazz, me lembrei da fantástica imagem de Miles Davis feita por Anton Corbijn em 1985 (foto). Uma foto feita num quarto de hotel, aproveitando a luz de uma janela, que gastou apenas alguns minutos e algumas poses de um bom Ilford 50 ou 100 (é chute, falou?). A gente fica pensando em filme, granação, laboratório manual, e dá uma saudade danada dessas coisas que estão quase acabando e que realmente eram mágicas. Fotografar desse jeito era mais artístico, mais difícil, e tinha muito, mas muito mais glamour. Eu posso dizer que é muito mais prazeroso enrolar um filmão p&b 120 numa velha Pentax 6x7 e disparar aquele obturador que mais parece um fuzil de guerra. É também bem mais romântico do que ficar olhando como ficou no LCD, não tenha dúvida, e além disso exige mais técnica e experiência, afinal, não dá nem pra ter uma idéia de como ficou antes de revelar, e quando já revelou, possivelmente não dá pra voltar lá e fazer de novo. Pelo menos no caso de Corbijn não dava. Isso é o Jazz puro, até na foto. Improvisar uma luz, usar o ângulo que se tem e fazer um espetáculo visual, a partir da imagem de um ídolo que só pode emprestar alguns minutos. Tanto na fotografia, quanto na música, o talento faz do improviso uma qualidade do artista. E isso continua sendo para poucos, seja usando filme, seja usando a digital.

Mas o fato é que eu não sou nem um pouco purista, e os que são, que me desculpem, mas isso é só nostalgia. Claro que eu peguei minha 6x7 e brin-

co de vez em quando, mas a tecnologia está aí exatamente para a gente poder produzir a mesma coisa ou coisa ainda melhor gastando menos dinheiro e menos tempo. Ainda não chegamos 100% lá, mas estamos no 99%. O que acontece é algo que até já escrevi aqui em outro tema e contexto: muita gente dá mais importância à ferramenta.

O livro "Soul" do fotógrafo Thierry Le Goues [www.thierrylegoues.com] mostra o que é um excelente, maravilhoso e surpreendentemente novo p&b. Conhecer, se não der pra comprar, é quase uma obrigação para deixar de ser saudosista, e aperfeiçoar o seu lado P&B de fotógrafo ou apreciador da boa fotografia. "Soul" é um trabalho de fotografia, mas é muito musical, assim como a foto do Miles. E é novo, é moderno. Portanto, aprendamos com esses mestres: a fotografia está no cérebro e nos olhos, e não dentro da câmera. A boa idéia sorri para o famoso fotógrafo francês e para o vendedor de bala de goma do sinal; a ferramenta só serve para torná-la possível.

Anton Corbijn: www.corbijn.co.uk

elias@eliaskfoury.com.br



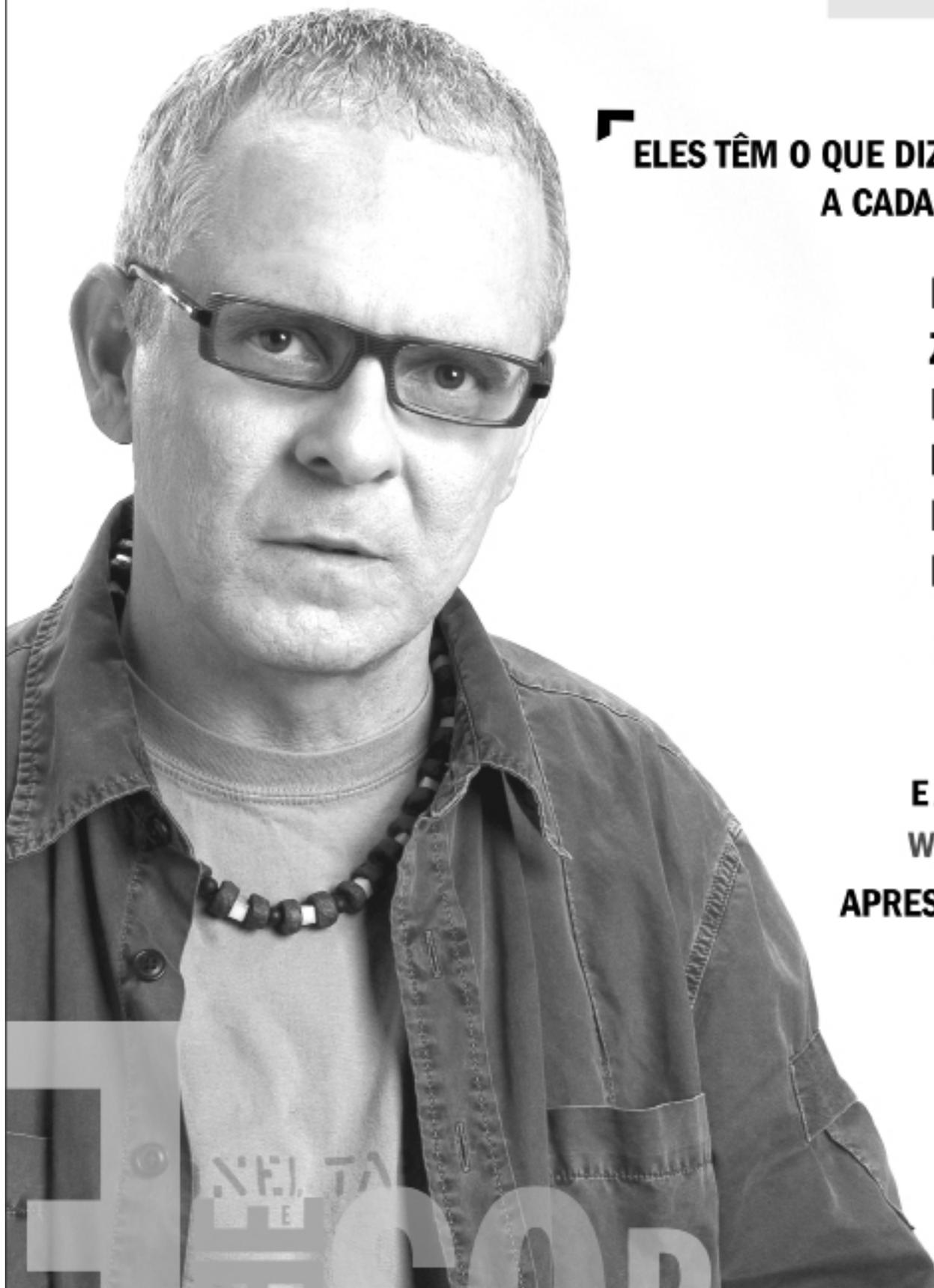
Miles Davis - Montreal, 1985 por Anton Corbijn



Montagem com as imagens do livro "Soul" de Thierry Le Gouès

FRENTEVERSO

VERSO



**ELES TÊM O QUE DIZER. VOCÊ VAI QUERER OUVIR.
A CADA SEMANA, UM ENTREVISTADO.**

**FERNANDO MORAIS
ZECA CAMARGO
FERNANDA TAKAI
NEY MATOGROSSO
FREI BETTO
E MUITO MAIS...**

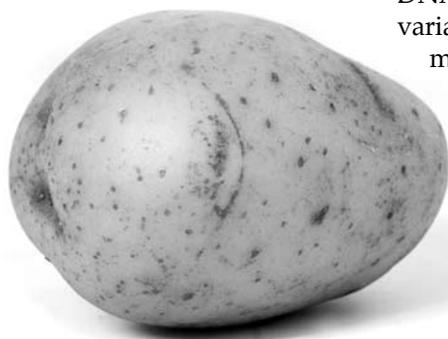
**DOMINGO, ÀS 21H
NA Inconfidência FM100.9
E AO VIVO NA INTERNET NO SITE
WWW.INCONFIDENCIA.COM.BR
APRESENTAÇÃO: MARCO LACERDA**


INCONFIDÊNCIA
FM 100.9
www.inconfidencia.com.br


**GOVERNO
DE MINAS**
Construindo um novo tempo
CULTURA

¡Soy loco por ti, batata!

João Veloso Jr.



O sujeito que descobriu a batata como um tubérculo comestível merece uma estátua em cada cidade no mundo. Deveria ser celebrado e ganhar uma religião nos moldes feitos para Maradona, que possui uma seita com direito a templo e celebrações semanais. Dizem que foi descoberta pelos espanhóis em 1536 no Peru, na campanha de Francisco Pizarro pela conquista de novas terras. Foi logo enviada para a Europa e pouco depois, levada ao Papa como presente. Dizem até que foi responsável pela cura do Papa Pio IV, que se recuperou de uma doença por volta de 1570 após uma dieta de batatas rica em carboidratos. Papa, em espanhol, é batata. E não é tão celebrada como o chefe da igreja católica. Até hoje, mais

de 200 tipos diferentes são comercializados nos países andinos. Pesquisas recentes de DNA apontaram que todas as variações descendem da primogênita, descoberta no sul da terra de Machu Pichu. O fato é que a conhecida “batata inglesa” é sim originária da América do Sul.

É sem dúvida uma das comidas mais democráticas do mundo. Fácil de plantar, sem muita necessidade de cuidados especiais e pode ainda ser comida de várias maneiras. Frita, cozida, doce, salgada, palito, recheada, seja qual for a maneira, uma coisa é certa: para fazer uma batata ruim, é preciso de muito esforço. E quem escreve isso teve como principal utensílio de cozinha e culinária, durante vários anos, o telefone.

Vale dizer que na língua portuguesa, o primeiro dicionário a registrar o termo foi o “Thesouro da Língua Portuguesa”, de Bento Pereira, publicado em 1647. No Brasil, seu plantio teria iniciado em Minas Gerais, na região de Ouro Branco.

A batata é um dos alimentos mais injustiçados do mundo. Barata, popular, plantada e

consumida no mundo inteiro, com uma infinidade de meios de ser consumida, nunca foi registrada por artistas importantes. Quadros de natureza morta com tomates, frutas e outros alimentos existem aos montes. E a batata? Artes são atividades que excluem. E música? Porque ninguém ainda a enalteceu em música esta peculiaridade dos Incas?

Falando em leguminosos, não entendo como pessoas podem gostar de saladas. Legumes, coisas verdes e afins são a “comida da comida”. Quando alguém come uma folha de alface, ainda mais no mundo politicamente correto em que vivemos, deveria logo pensar no boi, que ficará sem alimento. Se algum leguminoso entrar em sua boca, a cadeia alimentar será quebrada e a comida ficará sem o seu alimento.

De acordo com o livro “O homem que comeu de Tudo”, de Jeffrey Steingarten, crítico gastronômico da Vogue americana, para gostar de comer você precisa acabar com todas as fobias alimentares. Apesar de recomendar veementemente a leitura, não consigo entender como nouvelle cuisine pode ser considerada uma arte. Pequenas porções que não satisfazem a fome apresentadas de

uma maneira bonita. Concorde, apresentação de um prato abre o apetite, mas precisa vir tão pouco? E ser tão caro? Tenho fome de azulejista, aquele que espera o pedreiro preparar o terreno pra poder trabalhar. E, conseqüentemente, faz um prato maior que o “de pedreiro”. Sustância e peso no estômago são um luxo pra ninguém botar defeito! Prefiro um bom PF de arroz, feijão, bife e salada de R\$ 5 (grátis um suco!) a uma lasca de fígado com pé de porco e creme caramelado que custa mais de R\$ 100 e não mata a fome. Comer, me desculpem os entendidos, surgiu como necessidade natural de se alimentar. A premissa básica deveria continuar.

O mesmo livro supracitado abre duas exceções para fobias alimentares. Assim como o autor, também não confio em comidas azuis. Esta cor foi registrada pela natureza com exclusividade para alimentos podres ou estragados. Não existe nada natural que seja azul para comer. A outra exceção fica com as sobremesas indianas. Também são estranhas e podem ficar de fora do cardápio padrão. Possuem aparência, gosto e textura de creme facial. E olha que a pessoa que escreveu isso já comeu até mesmo cérebros de macaco. E não foi

ele quem atuou no célebre filme “Faces da Morte”, onde muitos viram esta iguaria alimentar pela primeira vez.

Um amigo gosta de classificar comidas indianas como “picadinho de luxo”. Frangos cortados com legumes, misturados a especiarias. “Igual o que minha mãe fazia em casa com as sobras”, me diz sempre. Saboria milenar pra quê com um amigo destes?

Sobras são também uma arte culinária. Pode ter certeza que o peixe que sobrar no restaurante self-service hoje, vira maionese de peixe amanhã. É a culinária S.O.S., “sobras de ontem sortidas”. Vários hotéis fazenda não assumem. Mas são mais que adeptos da culinária S.O.S.

A credence popular é sábia. É uma de suas melhores frases eu assino embaixo: “o melhor tempero para uma comida é a fome”. Em tempo de crise de alimentos, seja socialmente responsável. Coma batata. O resto é acompanhamento.

João Veloso Jr., 32, é jornalista, gosta de comer e não troca o stroganoff da Lilian por nenhum outro prato. Só pelo purê da mesma autora.

joaveloso@terra.com.br

Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD • Tel.: (31) 3281 6720
Aliança Francesa • Tel.: (31) 3291 5187
Arquivo Público Mineiro • Tel.: (31) 3269 1167
ArtBhz • Tel.: (31) 3463 1300
Berlitz • Tel.: (31) 3223 7552
Biblioteca Pública Estad. Luiz de Bessa • Tel.: (31) 3269 1166
Café com Letras • Tel.: (31) 3225 9973
Café Kahlua • Tel.: (31) 3222 5887
Casa do Baile • Tel.: (31) 3277 7443
Celma Albuquerque Galeria de Arte • Tel.: (31) 3227 6494
Centro de Cultura Belo Horizonte • Tel.: (31) 3277 4607
Cultura Alemã • Tel.: (31) 3223 5127
Discomania • Tel.: (31) 3223 5127

Duo Informação e Cultura • Tel.: (31) 3224 6700
Eh! Vídeo • Tel.: (31) 3426 4817
Escola de Arquitetura/UFMG • Tel.: (31) 3409 8830
Escola de Belas Artes/UFMG • Tel.: (31) 3409 5281
Escola de Imagem • Tel.: (31) 3264 6262
Fafich/UFMG • Tel.: (31) 3409 5050
FUMEC • Tel.: (31) 3228 3000
Fundação Clóvis Salgado • Tel.: (31) 3237 7399
Fundação de Educação Artística • Tel.: (31) 3226 6866
Fundação Municipal de Cultura • Tel.: (31) 3277 4620
Galpão Cine Horto • Tel.: (31) 3481 5580
Grampo • Tel.: (31) 2127 2974
Isabela Hendrix • Tel.: (31) 3244 7200
Letras/UFMG • Tel.: (31) 3409 5106

Mini Espaços de Arte • Tel.: (31) 3296 7349
Museu de Arte da Pampulha • Tel.: (31) 3277 7946
Museu Histórico Abílio Barreto • Tel.: (31) 3277 8573
Museu Inimá de Paula • Tel.: (31) 3296 3785
Museu Mineiro • Tel.: (31) 3269 1168
Secretaria de Estado de Cultura de MG • Tel.: (31) 3269 1000
Rádio Inconfidência • Tel.: (31) 3298 3400
Rede Minas • Tel.: (31) 3289 9000
Teatro Francisco Nunes • Tel.: (31) 3277 6325
Teatro Marília • Tel.: (31) 3277 6319
UEMG • Tel.: (31) 3427 4632
Usiminas Belas Artes • Tel.: (31) 3252 7232
Usina • Tel.: (31) 3261 3368
Vitrola Café • Tel.: (31) 3227 2138